



FUNDAÇÃO NACIONAL DO
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International
Board on Books for Young People **iBbY**

Notícias 9

Nº. 9 Vol. 22 - Setembro de 2001

O III Seminário sobre Literatura para Crianças e Jovens, no 13º COLE, discute o tema:

“NA LITERATURA, OS TEMAS TRANSVERSAIS DOS PCN”

O 13º Congresso de Leitura do Brasil – COLE, promovido pela Associação de Leitura do Brasil, da Universidade de Campinas (ALB/Unicamp) foi realizado de 17 a 20 julho de 2001 e trouxe para o debate, mais uma vez, a necessidade de uma ampla democratização do acesso ao livro e à leitura, tema que já vem sendo discutido desde o 1º COLE, em 1978. O tema do 13º Congresso – *Com todas as letras, para todos os nomes* – possibilitou uma produtiva discussão sobre a questão da leitura, considerada como um bem cultural e um direito de todo cidadão, e foi debatido durante quatro dias em 15 seminários e um conjunto de conferências e mesas-redondas.

A participação foi muito além das expectativas: cerca de 4.000 professores, estudantes, bibliotecários, escritores, ilustradores, críticos de literatura de todo o Brasil compareceram ao evento. O COLE recebeu também cerca de 1.000 comunicações, mostrando que este Congresso continua sendo o espaço de convergência das diversas tendências que analisam, discutem e divulgam no Brasil as novas perspectivas na luta pela universalização da leitura.

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil esteve presente na organização do 13º COLE e apresentou o III Seminário sobre Literatura para Crianças e Jovens, coordenado por Elizabeth D'Angelo Serra, Secretária Geral da FNLIJ e membro da Comissão Coordenadora do PROLER/FBN/MinC.



Na abertura do III Seminário de Literatura para Crianças e Jovens, Teresa Colomer fala sobre “UMA NOVA CRÍTICA PARA UM NOVO SÉCULO”

Na abertura do Seminário, no dia 17 de julho, a escritora Teresa Colomer, da Universidad Autonoma de Barcelona, Espanha, falou sobre “Uma nova crítica para um novo século”, abordando temas que estão presentes em seu livro *La formación del lector literário - Narrativa infantil y juvenil actual*, publicado pela Fundación Germán Sánchez Rui Pérez: a qualidade literária dos textos para crianças e jovens; a necessidade de uma educação literária nas escolas e critérios que devem nortear a crítica literária dos livros dirigidos ao público infantil e juvenil. Falando em espanhol, Teresa Colomer teve o cuidado de fazer também uma tradução de sua palestra para o português, sob a forma de um roteiro elaborado com os recursos de computação gráfica, que era mostrado numa tela, durante sua explanação. Este tema tinha sido apresentado por Teresa Colomer em sua conferência no 27º Congresso do IBBY, em Cartagena de Índias, na Colômbia e pode ser melhor conhecido no *Notícias/FNLIJ* n. 3/2001, que trouxe um artigo de Laura Sandroni sobre este livro da escritora espanhola.

Elizabeth Serra apresenta Iara Prado, Secretária de Educação Fundamental do Ministério da Educação

No dia 18 de julho, Iara Prado, Secretária de Educação Fundamental do MEC, apresentou a palestra “Os Temas Transversais dos PCN”, que reuniu um público muito expressivo. Participando desta mesma mesa de debates, Wilson Roberto Trezza, do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE, fez uma deta-

lhada explanação sobre o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE.

Como coordenadora do Seminário, Elizabeth Serra apresentou Iara Prado, comentando sobre a importância do seu trabalho à frente da Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação (SEF - MEC). Beth Serra demonstrou sua admiração pela “mudança radical” que vem acontecendo nos livros didáticos brasileiros, que antes não tinham uma orientação editorial definida pelo MEC e, de um modo geral, não ofereciam um material de qualidade para o trabalho do professor. Contudo, como na escola de hoje ainda existe uma necessidade muito grande do livro didático, era urgente que os professores tivessem acesso a um material de melhor qualidade. Iara Prado e sua equipe, com muita coragem, deram início a uma verdadeira revolução, quando, dentro do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD, determinaram uma diretriz para a seleção dos livros que seriam enviados às escolas. O MEC vem produzindo o *Guia do Livro Didático*, no qual é analisada a produção editorial de livros didáticos e são estabelecidos critérios importantes, referendados por especialistas brasileiros nas diversas áreas do conhecimento.

Outra importante realização da SEF/MEC foi a elaboração, publicação e divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - os PCN, referenciais curriculares propostos para as escolas públicas brasileiras, elaborados por equipes de especialistas das diferentes áreas curriculares. No bojo dos PCN, está contida a questão dos Temas Transversais.

Beth Serra esclarece as razões para que este fosse o tema escolhido pela FNLIJ para o 13º COLE: os temas transversais na literatura para crianças e jovens. A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil recebe uma produção editorial intensa, principalmente dirigida à criança e ao jovem. Dessa forma, foi possível observar que os editores estavam propondo aos escritores livros “de encomenda”, visando à abordagem de temas como ética e cidadania, meio ambiente, saúde, trabalho e consumo, orientação sexual, pluralidade cultural. Tal fato poderia representar uma deturpação da proposta dos temas transversais, na qual se sugere que estes temas, por serem de urgência social, devem estar presentes em todas as áreas curriculares.

Na avaliação de Beth Serra e da equipe da FNLIJ, a literatura para crianças e jovens brasileira é muito rica e pode possibilitar o trabalho com a transversalidade, não havendo, portanto, a necessidade de serem editados livros

específicos abordando questões que deveriam fazer parte do cotidiano dos alunos, dos professores e dos pais, como a ética, o exercício da cidadania, o multiculturalismo, entre outras. Além da literatura ficcional, existem também livros informativos de qualidade, que podem ser discutidos na sala de aula para o estudo, por exemplo, do meio ambiente e da sexualidade.

Este tema de debates já tinha sido trazido pela FNLJ em novembro de 2000, no 2º Seminário de Literatura Infantil e Juvenil, que aconteceu durante o 2º Salão do Livro para Crianças e Jovens, realizado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Encerrando sua apresentação, Beth reafirma seu respeito e admiração pelo trabalho de Iara Prado, pela sua coragem de apontar um rumo e encontrar os caminhos para a mudança, permitindo que hoje as escolas tenham condições de trabalhar com livros didáticos de melhor qualidade e, além disso, possibilitando que professores de todo o Brasil tenham em mãos um referencial curricular como os PCN.

Destaques da palestra da Secretária de Educação Fundamental do Ministério da Educação, Iara Prado, no III Seminário sobre Literatura para Crianças e Jovens

Iara Prado inicia sua palestra destacando que, no MEC, o trabalho é feito *por professores*, e o que se procura é atender às necessidades *dos professores*. Agradece pelo convite para participar do 13º COLE, uma vez que “estes Seminários promovidos pela ALB têm tido grande importância na difusão e na formação de leitores”.

Com relação aos temas transversais, Iara Prado explica que eles vêm sendo discutidos desde 1996, tendo sido publicados pelo MEC em 1997 e 1998. Contudo, destaca que os PCN não são obrigatórios, eles são uma referência para que os professores construam os projetos pedagógicos de suas escolas.

Comenta que alguns estados e municípios já vinham construindo suas propostas curriculares desde 1983, principalmente em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo,

onde havia redes de excelência. A proposta da equipe que elaborou estes documentos era de buscar elevar o nível da discussão em todo o território nacional.

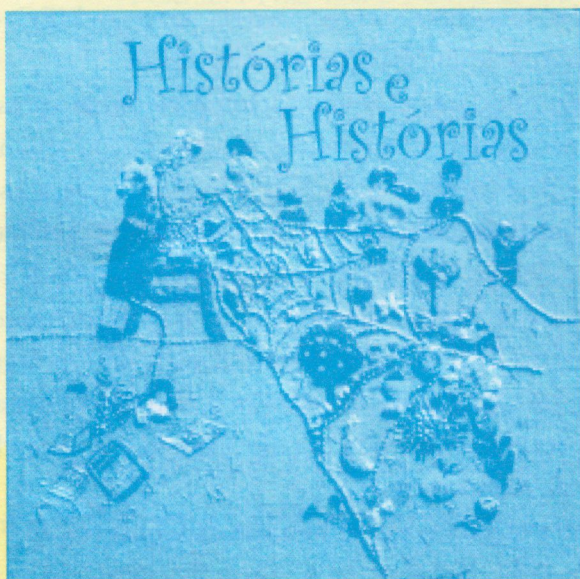
No início, os textos dos PCN foram “acusados de estarem muito distantes da realidade”. Mas, como explica Iara Prado à platéia interessada e atenta “um dos objetivos dos PCN foi justamente recuperar a auto-estima do professor – sua capacidade de intervir e de modificar a realidade do nosso país”. E logo a seguir, a SEF começou a implementação dos Parâmetros Curriculares, criando o programa PCN em Ação, que visa à formação continuada dos professores e já está acontecendo em cerca de 200 cidades brasileiras, numa parceria entre o MEC e as Secretarias Municipais destes municípios.

Segundo Iara, a discussão sobre os temas transversais não pretende minimizar a importância das áreas curriculares tradicionais, mas é evidente que a escola tem um papel importante na formação da cidadania. Além de ler, escrever, ter compreensão da leitura, entender a lógica matemática, é importante que os alunos do Ensino Fundamental conheçam e coloquem em prática os valores da vida em sociedade, pois a ação concreta da solidariedade e do diálogo é a verdadeira base da democracia.

Estes objetivos são os mesmos da Constituição Federal de 1988, que pretendia, antes de tudo, “uma volta à democracia, num país onde a desigualdade social é muito grande”. Mas, como destaca Iara Prado, “em nosso país a Constituição Federal não é do conhecimento de todos os brasileiros, nem é exercitada como um direito”. Por isso, ela considera que “é essencial que a política educacional do MEC seja a grande política em direção à equidade, em busca da diminuição da desigualdade social”. E comenta, em resposta à temática trazida pelo III Seminário de Literatura para Crianças e Jovens, que “jamais o MEC fará compras de livros sobre temas transversais, pois eles devem estar presentes em todos os conteúdos curriculares”.

O que se pretende, segundo Iara, é implementar nas escolas o trabalho com os temas transversais por meio de projetos. A partir de um material elaborado pelo MEC, que pode ser visto como um modelo, sugere-se que as escolas formem comitês de Ética e Cidadania, dos quais participem pais, alunos, professores, diretores e funcionários. A intenção da SEF é que estes comitês, que não são obrigatórios, trabalhem as propostas ligadas à realidade da escola. Também já foi elaborado o programa Parâmetros em Ação –

Meio Ambiente na escola, que apresenta uma proposta a ser realizada em parceria com as Secretarias de Educação estaduais e municipais, universidades e organizações não-governamentais. Este material é composto de dois kits, contendo guias de orientação do trabalho para o formador e para o professor, programas de vídeo, com documentários, cartaz, CD de músicas selecionadas para acompanhar as atividades com os alunos etc. Estes kits foram apresentados ao público presente na palestra e foram passados de mão em mão, despertando grande interesse.



Iara Prado e Wilson Trezza, do FNDE, também comentaram o *Guia do Usuário do Programa Nacional de Biblioteca da Escola: "Histórias e Histórias"*. Este livro foi coordenado pela escritora Marisa Lajolo e traz 112 cartas com sugestões diversas para a utilização do acervo do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE. Trata-se de uma correspondência simulada, por meio da qual são apresentados diferentes enredos – as “histórias” – e são comentadas as obras que fazem parte do acervo do PNBE. As cartas criam uma comunidade imaginária de leitores, que, na opinião de Marisa Lajolo, poderá com toda certeza em breve se tornar uma realidade.

O texto das cartas é muito bem elaborado, entrelaçando uma linguagem coloquial e intimista com fragmentos de resenhas escritas numa linguagem mais acadêmica e literária. Estas resenhas foram extraídas dos pareceres de especialistas brasileiros em literatura para crianças e jovens sobre os livros selecionados para o PNBE, num trabalho coordenado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. ■

“Os PCN trazem no seu bojo os Temas Transversais, introduzindo, na escola, uma nova nomenclatura que atraia a atenção do professor para temas antigos e essenciais para a educação de qualquer pessoa. A ética, a pluralidade cultural, o meio ambiente, a saúde, a sexualidade e o trabalho não são temas novos, nem simples. São antigos e complexos e fazem parte da vida de todos. Portanto, devem estar sempre presentes, falados e discutidos com os alunos por professores bem preparados, o que pressupõe uma intensa atividade de leitura e escrita. Embora denominados transversais, acreditamos que esses temas são essenciais para a educação, assim como a leitura literária é o principal fio condutor para levar à crítica da realidade e ao processo de criação do próprio texto do leitor. Isto, Lobato nos ensinou com a sua literatura para crianças e jovens e continuam a nos ensinar nossos melhores autores, que nele se inspiram. Resgatemos essa importante herança brasileira para refletirmos sobre o papel da cultura na educação.”
Elizabeth Serra – *Notícias/ FNLIJ* n. 3/2001

No programa Salto para o Futuro, da TV Escola, a FNLIJ deu continuidade ao debate sobre os temas transversais na literatura

O Salto para o Futuro, da TV Escola, canal educativo do Ministério da Educação, é um programa de educação a distância que tem como proposta a formação continuada de professores. O objetivo do programa é debater diferentes tendências no campo da educação. Elizabeth Serra foi convidada como consultora da série, “Literatura e temas transversais” que foi apresentada no Salto de 17 a 21 setembro de 2001. Em cinco programas foi discutida a relação entre a literatura e temas de relevância social denominados temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais.



A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ tem sido parceira de séries do programa Salto para o Futuro, que tratam da leitura e literatura. A proposta desta série nasceu da repercussão que obteve o Seminário “Na Literatura, os Temas Transversais dos PCN” que aconteceu no 2º Salão do Livro para Crianças e Jovens realizado no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, promovido pela FNLIJ, tema que teve sua continuidade garantida pelo III Seminário de Literatura para Crianças e Jovens, promovido pela FNLIJ no 13º Congresso de Leitura – COLE.

No Salto para o Futuro, da TV Escola, a discussão pôde ser ampliada nas telessalas de todo país onde, por meio da recepção organizada, os professores assistiram aos programas, ao vivo, e encaminharam questões referentes ao tema utilizando recursos tecnológicos como fax, telefone e Internet.

No próximo número do *Notícias* vamos apresentar um resumo das discussões que aconteceram nesta série do Salto para o Futuro. ■

“Como arte, a literatura é o ponto de partida privilegiado para a formação de leitores. Suas potencialidades provocadoras do pensamento são inesgotáveis. Por meio dela, a ficção se integra com a realidade, pois sua matéria-prima é a experiência, a observação, a reflexão e o sonho. Ao unir realidade e fantasia, o livro de literatura abarca todos os temas da vida, mobilizando o interesse de qualquer pessoa, em qualquer idade. Não há instrumento mais completo para levar à reflexão, à crítica e à criação do que a literatura.” Elizabeth Serra – *Boletim do programa Salto para o Futuro/TV Escola* (set. 2001)

TERESA COLOMER NA FNLIJ

Nesta sua primeira visita ao Brasil, a convite da Comissão Organizadora do 13º COLE, Teresa Colomer esteve também no Rio de Janeiro e visitou a FNLIJ, admirando-se com o trabalho do Centro de Documentação e Pesquisa – CEDOP, da FNLIJ. Também ficou sensibilizada ao conhecer a obra de Monteiro Lobato, destacando sua emoção de ser apresentada “a um grande autor de literatura para crianças e jovens”.

Este é o trabalho por excelência da FNLIJ, seguindo os ideais preconizados pelo IBBY, do qual somos a seção brasileira: construir pontes, através dos livros, que entrelacem crianças e jovens, escritores, ilustradores e pesquisadores, críticos de literatura e leitores em geral de todos os continentes. ■

Para saber mais sobre o III Seminário de Literatura para Crianças e Jovens

Também participaram e foram responsáveis pelo sucesso do Seminário “Na Literatura, os temas transversais dos PCN”:

- os coordenadores e/ou consultores dos Programas de livros de literatura das Secretarias Estaduais de Educação: Maria Luiza Bretas (Goiás); Maria José Nóbrega (São Paulo) e Maria Antonieta Cunha (Minas Gerais);
- os escritores: Bartolomeu Campos Queirós; Bia Hetzel; Fátima Miguez; Luciana Sandroni; (Marina Colasanti não pôde comparecer, mas sua comunicação foi lida);
- os editores: Cecília Lopes (Editora Global); Ione Meloni Nassar (Editora Mercurio Jovem); Fernando Paixão (Editora Ática) e Carla Milano (Editora Global);
- os especialistas em literatura: Graça Paulino (UFMG); Jane Paiva (UERJ e PROLER); (Regina Zilberman, da PUC-RS, não pôde estar presente, mas sua comunicação foi lida);
- os coordenadores das mesas-redondas: Maria da Graça Castro (FNLIJ); Ninfa Parreiras (FNLIJ) e Maraney Freire (FNLIJ).

A FNLIJ agradece a participação de todos.

Os temas que foram debatidos no III Seminário de Literatura para Crianças e Jovens serão publicados em livro, como já aconteceu nos Seminários anteriores.

A FNLIJ tem se dedicado a divulgar a literatura para crianças e jovens de qualidade e oferece consultoria às Secretarias Municipais e Estaduais na compra de acervos para bibliotecas escolares, e também ao MEC, por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE.

O PNBE foi criado em 1997, no dia 23 de abril – Dia Mundial do Livro – e reiterado em 15 de agosto de 2000. As informações sobre o PNBE estão à disposição dos professores, bibliotecários, escritores, editores e demais interessados na página da Internet: www.fnde.gov.br

Na página da FNLIJ na Internet podem ser conhecidos os 212 pareceres dos especialistas em literatura infantil e juvenil sobre os livros que foram selecionados pela FNLIJ para o Programa Nacional Biblioteca da Escola –PNBE/99, que podem ser uma excelente fonte de orientação para os professores. O endereço é: www.fnlij.org.br

Chegaram os Anais do 27º Congresso do IBBY!

O convite para construir “O novo mundo para um *mundo novo*”
continua, nas *Memórias do 27º Congresso*

O 27º Congresso do International Board on Books for Young People - IBBY aconteceu no ano de 2000, de 18 a 22 de setembro, em Cartagena de Indias, na Colômbia, tendo como tema “O novo mundo para um *mundo novo*”. Durante cerca de seis anos, as seções latino-americanas do IBBY pensaram em conjunto este encontro, com o objetivo de divulgar a literatura para crianças e jovens que é feita na América Latina. O resultado deste intenso trabalho foi excelente. Cerca de 800 pessoas, representando 41 países, compareceram ao Congresso, e estiveram reunidas durante cinco dias em torno da defesa do direito das crianças e jovens do planeta aos bons livros de literatura. As maiores delegações que compareceram ao evento, excluindo o país anfitrião, foram a da Argentina, com 80 participantes, e a do Brasil, com 68 participantes.



Agora, por meio da publicação dos Anais do 27º Congresso do IBBY, realizada pela Fundalectura, seção colombiana do IBBY, chegam até nós as conferências e também os textos que subsidiaram os diferentes fóruns deste evento internacional – debates, mesas-redondas, seminários, relatos de experiências etc. – dos quais participaram professores, pesquisadores, críticos, escritores, ilustradores, editores, jornalistas e representantes de diversas instituições de todo o mundo.

O livro traz tudo o que aconteceu no Congresso: não só a memória acadêmica, como também as informações sobre todas as múltiplas atividades que foram desenvolvidas. Depois do discurso de abertura, feito por Silvia Castrillón, presidente do IBBY da Colômbia, que foi traduzido e publicado na íntegra no *Notícias* 11/2000, segue-se a fala de Tayo Shima, presidente do IBBY. A seguir, vamos encontrar/reecontrar as conferências:

- da professora Margareth Meek, da Inglaterra, abordando a questão do multiculturalismo;
- do ensaísta e poeta William Ospina, da Colômbia, falando sobre o prazer de contar e ouvir histórias;
- do ilustrador de livros para crianças e jovens do Japão Mitsumasa Anno, vencedor do Prêmio Hans Christian Andersen de Ilustração em 1984, que foi homenageado com o Salão Mitsumasa Anno, dedicado aos encontros entre o público e os ilustradores presentes ao 27º Congresso;
- da escritora Katherine Paterson, dos Estados Unidos, vencedora do Prêmio Hans Christian Andersen em 1998, falando sobre o encontro entre dois mundos, a partir da perspectiva asiática e européia;
- do escritor colombiano Fernando Cruz Kronfly, que destacou a relação entre a educação e a literatura infantil;
- da “nossa” escritora e consultora de literatura Nilma Gonçalves Lacerda, do Brasil, que com sua fala poética discorreu sobre o tema *Flores de madeira, feridas – O mundo pela*



metade, destacando que a leitura é uma experiência transformadora;

- da professora Teresa Colomer, da Espanha, abordando a importância da qualidade literária dos textos para crianças e jovens e a necessidade de uma educação literária nas escolas;
- da antropóloga e pesquisadora Michèle Petit, da França, que apresentou um trabalho com as bibliotecas públicas escolares em seu país;
- da escritora e editora Graciela Montes, da Argentina, comentando sobre a literatura infantil e juvenil nesta época de indústria cultural e de globalização econômica.

Depois destes textos que instigam questionamentos e reflexões, seguem-se os debates nas mesas-redondas, que abordaram a produção editorial e a circulação de livros na América Latina, a leitura e as novas tecnologias e a questão da crítica literária. Nestas mesas-redondas, bem como nos seminários e relatos de experiências, a participação brasileira foi muito significativa.

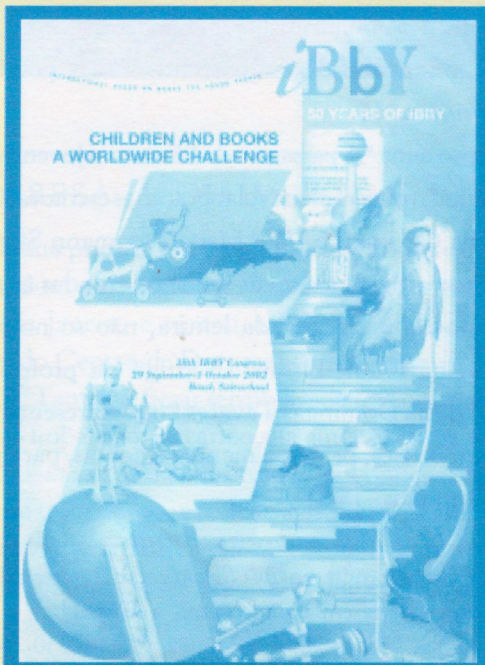
Nestas Memórias também podemos encontrar o belíssimo discurso “De olho no invisível”, proferido por Ana Maria Machado, no teatro Heredia, em Cartagena de Índias, na noite do dia 21 de setembro, durante a entrega do Prêmio Hans Christian Andersen/2000, também publicado no nosso informativo (*Notícias* 11/2000) As palavras do ilustrador Anthony Browne, da Inglaterra, no seu discurso de aceitação do Prêmio Andersen/2000, na categoria ilustração, também podem ser conhecidas nestas *Memórias*.

O livro traz ainda todos os eventos oficiais – como a entrega de diplomas aos escritores e ilustradores presentes no 27º Congresso que foram selecionados para compor a Lista de

Honra do IBBY e a exposição Utopia, que teve como objetivo promover e mostrar ao mundo o trabalho de ilustração realizado na América Latina e no Caribe – além do registro de diversos eventos alternativos.

As palavras de Elizabeth Serra, Secretária Geral da FNLIJ, oficialmente convidada por Silvia Castrillón para abrir as exposições do 27º Congresso do IBBY, foram de elogio à generosidade e ao espírito da fraternidade, que caracterizam os gestos e as ações de todos os que trabalham na Fundalectura, seção colombiana do IBBY, e de agradecimento por terem tornado realidade este “nosso sonho coletivo”: trazer novamente um evento deste porte para a América Latina. Agora, é o momento de repetirmos estes elogios, pois mais uma vez a equipe do Fundalectura concretizou um trabalho realmente grandioso – a publicação das *Memórias do 27º Congresso* –, uma obra que sem dúvida será uma permanente fonte de consulta para todos que se dedicam à literatura para crianças e jovens em todo o mundo. ■

Pela segunda vez o Congresso do IBBY foi realizado em solo latino-americano. Em 1974, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, seção brasileira da entidade, organizou no Rio de Janeiro, de 21 a 25 de outubro, o 14º Congresso do IBBY. Dele participaram 361 interessados, sendo 299 brasileiros. A maior delegação estrangeira foi a da Argentina, com 10 pessoas. UNESCO, OEA e CERLALC enviaram representantes. A Europa, a Ásia e a África estiveram presentes (com 4 especialistas da URSS, inclusive).



28º Congresso do International Board on Books for Young People – IBBY

50 ANOS DO IBBY

Crianças e Livros ■ Um desafio mundial
29 de setembro a 3 de outubro de 2002
Basileia, Suíça

Revista *Releitura* n. 15 é dedicada ao Seminário de Literatura Infantil, realizado na BPIJBH

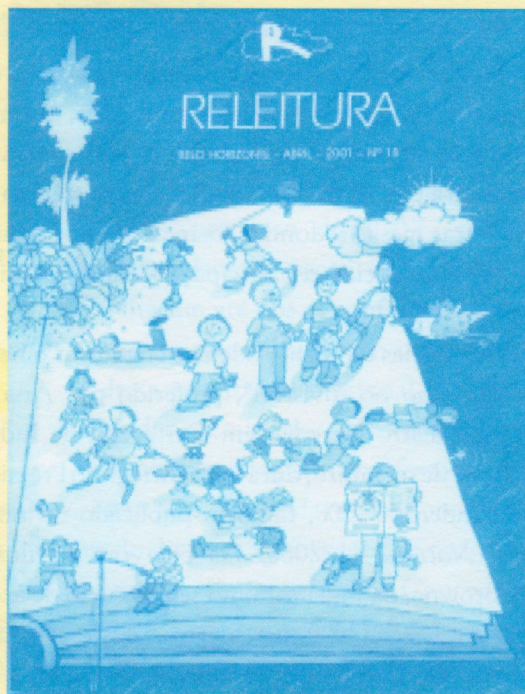
A revista *Releitura* é publicada pela Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte – BPIJBH. Este número 15 está dedicado ao Seminário de Literatura Infantil, realizado na BPIJBH, em agosto de 2000, como parte do 1º Encontro Internacional de Literaturas em Língua Portuguesa e do 1º Salão do Livro de Minas Gerais, eventos ocorridos na capital mineira, patrocinados pela Prefeitura de Belo Horizonte, através da Secretaria Municipal de Cultura e da própria Biblioteca.

Maria Antonieta Antunes Cunha, curadora destes eventos, membro do Conselho Curador da FNLIJ, apresenta a revista, falando sobre Seminário de Literatura Infantil, que ocorreu no Teatro Maria Clara Machado, na BPIJBH. Os textos básicos que nortearam as discussões nas mesas-redondas deste Seminário foram publicados neste número 15, visando contribuir para as reflexões de todos os interessados na produção cultural para crianças.

As quatro mesas-redondas reuniram nomes representativos, que debateram a atuação de instituições públicas, com relação à promoção da leitura, apresentaram um panorama da literatura infantil atual, comentaram a leitura dos adolescentes e analisaram a leitura dos quadrinhos.

Entre os autores dos artigos estão os escritores Ana Maria Machado, apresentando “Um panorama da Literatura Infantil Brasileira”; Ricardo Azevedo, comentando os “Aspectos da Literatura Infantil no Brasil, hoje”; Fanny Abramovich, registrando uma trajetória que vai “De Sidônio a Sylvia”.

A especialista em literatura infantil e juvenil portuguesa Maria José Sottomayor, que há 19 anos é membro do Comitê Internacional de Bratislava, apresenta um texto muito interessante sobre a literatura para crianças em seu país. Maria José Sottomayor já esteve no Rio de Janeiro, dando cursos e oficinas, a convite da FNLIJ e do PROLER.



Nosso informativo, *O Notícias*, publicou pela primeira vez no Brasil um artigo desta especialista portuguesa, sobre ilustração de livros para crianças.

Para falar sobre quadrinhos, participaram do Seminário de Literatura Infantil os quadrinistas e chargistas Lor e Lelis e suas palestras, numa abordagem bastante crítica, podem ser lidas na *Releitura* n. 15.

Para debater o tema “A passagem da Literatura Juvenil para a Literatura Adulta” trouxeram sua colaboração as escritoras Graça Paulino, Marina Colasanti e Vera Maria Tietzmann Silva.

A revista traz artigos nos quais são apresentadas as políticas de Governo na promoção da leitura, não só no Brasil, como também na Guiné-Bissau. O artigo da professora e conferencista Maria Domingas Tavares Pinto apresenta a luta dos autores guineenses, principalmente os poetas, para publicar livros em seu país. ■

Para conseguir este número de *Releitura* os interessados podem entrar em contato com a BPIJBH:
Rua Carangola, 288 – Santo Antônio; CEP 30330-240,
Belo Horizonte-MG. E-mail: bpjibh@pbh.gov.br

Programa “Livros Animados”, uma parceria entre a FNLIJ e o canal Futura, ganha prêmio internacional

O programa “Livros Animados”, uma parceria entre a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e o canal Futura, já existe desde 1997, estando agora na sua 3ª versão.

A idéia de um programa para a televisão com livros brasileiros animados nasceu há cerca de oito anos, durante uma ida da Secretária Geral da FNLIJ, Elizabeth Serra, à Bienal de Bratislava, na então Tchecoslováquia, onde assistiu a uma exposição que mostrava filmes de animação, nos quais eram lidas histórias de livros. Os filmes destacavam a importância da leitura no ambiente familiar e o manuseio dos livros pelos leitores, que eram as crianças e seus familiares.

De volta ao Brasil, Beth propôs este projeto a três emissoras de TV. Mas só em 1997 ele se tornou realidade, com o apoio da coordenadora pedagógica Mônica Pinto, do Canal Futura, e realização da produtora No Ar. A coordenadora do Núcleo de Educação do canal, Cristina Carvalho, a partir da seleção dos livros, que é feita pela FNLIJ, orienta o trabalho, tendo o cuidado de preservar o conteúdo da obra, que não pode ser adaptada, nem fragmentada, garantindo uma narrativa total de texto e ilustração.

Os livros indicados são todos selecionados pela FNLIJ, e também foram avaliados pelas equipes de produção, que escolheram aqueles que melhor atendiam às possibilidades de um programa de TV.

O cuidado com a qualidade dos livros e com a realização do programa agora recebe um reconhecimento internacional: a Distinção RAL (Red de América Latina), obtida na Seleção da Programação Latino-Americana.

Este é o certificado recebido pelo canal Futura, do qual a FNLIJ tem o orgulho de compartilhar. ■



No certificado, também constam os outros programas do canal Futura que receberam a Distinção RAL.

Relação dos “Livros Animados” já produzidos e apresentados:

- 01 Maria Teresa (Roger Mello) • Victor e o Jacaré (Mariana Massarani)
- 02 Pê - O pato diferente (Regina Rennó) • As minhocas (Claudio Martins)
- 03 Festa no Céu (Angela Lago) • O Rei de quase tudo (Eliardo França)
- 04 Ida e Volta (Juarez Machado) • Caça Fumaça (Eva Furnari)
- 05 Natureza Maluca (Edgard Bittencourt) • Cena de Rua (Angela Lago)
- 06 Catarina e Josefina (Eva Furnari)
Com prazer e alegria (Ana Maria Machado e Claudius)
- 07 Noite de Cão (Graça Lima) • Fogo no céu (Mary França)
- 08 Macaquinho (Ronaldo Simões Coelho)
Confusão na Roça (Sônia Junqueira)
- 09 Cururu virou pajé (Joel Rufino Dos Santos) • Mateus (Nelson Cruz)
- 10 Planeta Lilás (Ziraldo) • Asa de Papel (Marcelo Xavier)
- 11 Anjinho (Eva Furnari) • Astro Lábio (Gláucia de Souza/Guazzelli)
- 12 O almoço (Mário Vale) • Foge Tatu (Eliardo e Mary França)
- 13 Picote (Mário Vale) Plic Plic (Michele e Liliana Iacocca)
- 14 Liga desliga (Camila Franco/Marcelo Pires/Jarbas Agnelli)
História vira lata (Sylvia Orthof / Eva Furnari)
- 15 Na porta da padaria (Ivan Zigg/Marcelo Araújo)
O amigo urso (Meri Weiss e Canini)
- 16 Cocô de Passarinho (Eva Furnari) • Quando os tans tans (Ivan Zigg)
- 17 Pacífico, o gato (Branca Maria de Paula/Ademir Martins)
É o bicho Futebol Clube (Guto Lins)
- 18 Um barulho (Liliana Iacocca)
O livro das adivinhações (Renata Pallottini)
- 19 Mestre Vitalino (André Neves)
Fábula (Ricardo Benevides) e Ilustrador (Marcelo Ribeiro)
- 20 Seca (André Neves) • O porco (Bia Hetzel)

Livros da série produzida em 2001, que já começaram a ser apresentados:

- 21 Uma barata entrou lá em casa (Claudio Martins)
O jacaré e o sapo (Liliana Iacocca) e Ilustrador (Michele Iacocca)
- 22 O Rato e o gato / Peixe, Peixinho, Peixão / O Canarinho Afinadinho
A patotinha da Lagoa / Busca bolinha tampinha (Renato Vinicius Canni)
Girafa não serve pra nada (José Carlos Aragão) Ilustradora (Graça Lima)
- 23 Umbigo indiscreto (Eva Furnari)
Que perigo (Mary França) e Ilustrador (Eliardo França)
- 24 Ovelha Negra (Bernardo Aibé) / Ilustradora (Mariana Massarani)
Pisca-tudo (José Clemente Pozenato) e Ilustrador (Paulo Ricardo Dantas)
- 25 Bruxa sorumbática (Eva Furnari)
- 26 Lúcia-já-vou-indo (Maria Heloísa Penteado)
O meu chapéu (Angela Leite de Souza)
- 27 Será mesmo que é bicho (Angelo Machado) Ilustrador (Roger Mello)
Bule de café (Luís Camargo)
- 28 Chapeuzinho Amarelo (Chico Buarque) Ilustrador (Ziraldo)
Brinquedos (André Neves)
- 29 Uma cor, duas cores, todas elas (Lalau -Lázaro Simões Coelho)
Ilustradora (Laura Beatriz)
Gato de dona Chica / Congos e Congados (Geruza Helena Borges)
Clinch e enquanto isso na Índia (Adão)
- 30 O Pato Poliglota / O príncipe sem sonhos

ANA MARIA MACHADO E RUTH ROCHA SÃO PREMIADAS PELA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

A escritora Ana Maria Machado, que em 2000 foi a vencedora do Prêmio Hans Christian Andersen, pelo conjunto de sua obra, recebeu em julho deste ano o Prêmio Machado de Assis, oferecido pela Academia Brasileira de Letras. Esta premiação importantíssima vem se somar a tantas outras que Ana Maria Machado já obteve, e também é oferecida pelo conjunto da obra do escritor.

Ana Maria Machado, em seu discurso na cerimônia de entrega do Prêmio, salientou como era importante para ela ver sua obra reconhecida, não só a dedicada a crianças e jovens, como também a que se destina aos leitores adultos.

Ruth Rocha foi premiada por sua adaptação de *Odisséia*, um belo livro que em 2000 também obteve o Prêmio FNLIJ, na categoria Reconto. ■

“Cecilia Centenária”

O Grupo Repertório (Maria Pompeu, Amaury de Lima e Marcia Bloch) conta prosa e verso de Cecília Meireles, dentro das comemorações do centenário de seu nascimento. O roteiro de “CECILIA CENTENÁRIA” inclui, entre outros, os poemas “Desenho”, “Beira Mar”, “Estirpe” e “O Motivo da Rosa”; as crônicas “Escolas de Bentevis”, “A Arte de Ser Feliz” e “Camelô Caprichado”; as poesias infantis “A língua do Nhem”, “Menino Azul” e momentos do “Romanceiro da Inconfidência”, interligados por referências biográficas, trechos de entrevistas e curiosidades sobre a personalidade de Cecília Meireles.

A Diretoria de Bibliotecas, do Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, da Secretaria Municipal das Culturas, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, promove as apresentações com entrada franca, a partir do dia 4 de setembro até o dia 7 de novembro em dez de suas Bibliotecas.

A programação será encerrada no dia do nascimento de Cecília Meireles, na Biblioteca que recebeu seu nome, durante a já tradicional programação da semana PAIXÃO DE LER. ■

Monteiro Lobato na Internet

O jornalista Robson Pereira, escrevendo no Caderno 2 de *O Estado de São Paulo*, de 14 de junho/2001, registra um dado bastante animador para todos nós que nos consideramos “herdeiros” da obra de Monteiro Lobato.

Ele estava pesquisando, por meio de um site de buscas, quantas vezes um determinado tema aparece disponível na Internet brasileira, e descobriu numa consulta que havia quase 14 mil referências a Monteiro Lobato!

E prossegue: “Refinei a pesquisa e alguns minutos depois, estava de posse das resenhas de 23 livros escritos por Lobato. Um pouco mais de paciência e descobri um site que chega ao requinte de apresentar os perfis psicológicos dos sete personagens fixos criados pelo escritor”.

Este é sem dúvida um dado bastante alentador para todos que gostam de “navegar” na rede: existem cerca de 14.000 oportunidades para “matar as saudades” e reencontrar com o criador da irreverente Emília. E, sem dúvida, a bonequinha deve estar com sua “torneirinha de asneiras” bem aberta, batendo mil papos virtuais no universo *on line!* ■

Até o dia 3 de setembro, foram recebidos 73 títulos, que se seguem:.

ARMAZÉM DE IDÉIAS: *Alfabeto com poesia*. Paula Davis. Il. Cláudia Lambert. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2001. • *Filha quer mãe não quer*. Marilene Godinho. Il. Antonio Kazuo Hasshimoti. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2001. 32p. • *Menino na casca*. Tânia Colares. Il. Frederico Rocha. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2001. 12p.

CASA DA PALAVRA: *As bibliotecas*. Norma Schipper. Il. Felipe Sússekind. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. 32p. • *Guia do Rio de Janeiro com crianças*. Chistina Tavares. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. 236p. • *O livro*. Alexandre Arbex Valadares. Il. Felipe Sússekind. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. 32p.

CARAMELO: *Conhecendo meu mundo*. Il. Prue Greener. Januária Cristina Alves. Il. Andréia Vieira. São Paulo: Caramelo, 2001. n.p. • *Histórias para quando a lua aparecer no céu*. Januária Cristina Alves. Il. Andréia Vieira. São Paulo: Caramelo, 2001. 48p. • *Meu bichinho de estimação*. Nancy I. Sanders. Il. Caroline Jayne Church. São Paulo: Caramelo, 2001. n.p. • *Meus chapéus*. Nancy I. Sanders. Il. Caroline Jayne Church. São Paulo: Caramelo, 2001. n.p. • *Minhas 365 adivinhas favoritas*. Il. Elena G. Aubert. São Paulo: Caramelo, 2001. 130p. • *O dia em que a Terra se apaixonou*. Januária Cristina Alves. Il. Luciana Navarro Alves. São Paulo: Caramelo, 2001. 56p. • *O esconde-esconde dos gatinhos*. Il. Kristina Stephenson. São Paulo: Caramelo, 2001. n.p. • *Onde está o osso de Lupi?* Il. Kristina Stephenson. São Paulo: Caramelo, 2001. n.p. • *Todo dia, qualquer hora*. João Bianco e Mônica Marsola. Il. Alcy. São Paulo: Caramelo, 2001. 34p.

COSAC & NAIFY: *Fique por dentro da ecologia*. David Burnie. Il. Andrew Kulman. Trad. Denise Sales. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. 192p. • *Fique por dentro da filosofia*. Martin Brookes. Andrew Kulman. Trad. Felipe Lindoso. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. 192p. • *Fique por dentro da genética*. Martin Brookes. Andrew Kulman. Trad. Iara Fino Silva. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. 192p. • *Fique por dentro da internet*. Jerry Glenwright. Il. Andrew Kulman. Trad. Cássio Arantes Leite. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. 192p.

EDITORA DO BRASIL: *O menino que tinha rabo de cachorro*. Maurício Venéza. Il. Michele Iacocca. São Paulo: Editora do Brasil, 2001. n.p.

ESCRITURAS: *Origami: a milenar arte das dobraduras*. Carlos Genova. São Paulo: Escrituras, 2001. 156p.

IDEA: *Eu posso ajudar?* Marina Monteiro Cardoso. Il. Milton Nakata. Bauru: Idea, 2001. 32p.

FTD: *9 cois@s e-mail que eu odeio em você*. Il. Márcia Kupstas. Il. Fê. São Paulo: FTD, 2001. 96p. • *A zebrinha preocupada*. Lúcia Reis. Il. da autora. São Paulo: FTD. 32p. • *Lembranças do coração*. Regina Rennó. Il. da autora. São Paulo: FTD, 2001. 24p. • *Meu avô e eu*. Telma Guimarães. Il.

Odilon Moraes. São Paulo: FTD, 2001. 64p. • *O elefante xadrez*. Álvaro Cardoso Gomes. Il. Isabel Cardoso. São Paulo; FTD. 48p. • *O fantasma do shopping Ópera*. Márcia Kupstas. Il. Martinez. São Paulo: FTD, 2001. 120p. • *O preço do sucesso*. Giselda Laporta Nicoletis. Il. Monica Corradi Sgai. São Paulo: FTD, 2001. 168p. • *O Riacho*. Júlio Emílio Braz e Salmo Dansa. São Paulo: FTD, 2001. 24p. • *Zélica e outros*. Flávio José Cardoso. São Paulo: FTD, 2001. 128p.

GLOBAL: *A friagem*. Augusta Faro. São Paulo: Global, 2001. 96p. 160p. • *Couro de piolho*. Luís da Câmara Cascudo. Il. Cláudia Scatamacchia. São Paulo: Global, 2001. • *Maria Gomes*. Luís da Câmara Cascudo. Il. Cláudia Scatamacchia. São Paulo: Global, 2001. • *Ópera Negra*. Martinho da Vila. São Paulo: Global, 2001. 96p. • *Os problemas da família Gorgonzola*. Eva Furnari. Il. da autora. São Paulo: Global, 2001. 24p.

LITTERIS: *Vida de cachorro*. Maria A. Souza Rabelo. Il. Fabrício Cinque. Rio de Janeiro: Litteris, 2001. 32p.

LETRAS & LETRAS: *Avoar*. Vladimir Capella. São Paulo: Letras & Letras, 2001. 36p. • *Beijo não! No, no, don't kiss!* Tatiana Belinky. São Paulo: Letras & Letras, 2001. 40p. • *Parece que foi ontem*. Maísa Aché [Adap.] São Paulo: Letras & Letras, 2001. 64p. • *Tatá, um tamanduá apaixonado*. Oscar Von Pfuhl. São Paulo: Letras & Letras, 2001. 52p.

LITTERIS: *Vida de cachorro*. Maria A. Souza Rabelo. Il. Fabrício Cinque. Rio de Janeiro: Litteris, 2001. 32p.

MARTINS FONTES: *As Aventuras de Alice no país das Maravilhas*. Lewis Carrol. Condensado e ilustrado por Tony Ross. Trad. Ricardo Gouveia. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 96p. • *As mais belas lendas da Idade Média*. Laurence Camiglieri, Marcelle Huisman e Georges Huisman. Trad. Monica Stahel. • *Charlie e o grande elevador de vidro*. Roald Dahl. Il. Cláudia Scatamacchia. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 190p. • *João e os animais: fábulas brasileiras*. Katia Canton. Il. Lina Kim. São Paulo: Martins Fontes, 2001. n.p. • *Marilu*. Eva Furnari. Il. da autora. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 32p. • *O pó do crescimento: e outros contos*. Ilan Brenman. Il. Cláudia Scatamacchia. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 96p. • *Skelling*. David Almond. Trad. Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 198p.

MODERNA: *Literatura: leitores & leitura*. Marisa Lajolo. São Paulo: Moderna, 2001. 128p.

N. J. LOPES: *Em busca de si mesma*. Neuza Judith Lopes. Rio de Janeiro: N. J. Lopes, 2001. 288p.

PAULINAS: *A fuga da gata*. São Paulo: Paulinas, 2001. 24p. • *A mentira da barata*. São Paulo: Paulinas, 2001. 24p. • *Enfeites modernos e originais para diversas ocasiões*. Birgit Utermarck. Il. Birgit e Klaus Utermarck. Fotos Roland Krieg e Waldkirch. Trad. Maria Aparecida Barbosa. São Paulo: Paulinas, 2001. 64p. • *O papo do sapo*. May Shuravel. Il. da autora. São Paulo: Paulinas, 2001. 24p. • *Papos de anjo*. Celia Cavalheiro. Il. Rubens Matuck. São Paulo: Paulinas, 2001. 24p.

PAULUS: *Chorar é preciso?* Tatiana Belinky. Il. Graça Lima. São Paulo: Paulus, 2001. n.p. • *Ficar com raiva não é ruim: um livro infantil sobre raiva.* Michaelene Mundy. Il. R. W. Alley. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2001. n.p. • *Ficar triste não é ruim: como uma criança pode enfrentar uma situação de perda.* Michaelene Mundy. Il. R. W. Alley. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2001. n.p. • *Os conselhos de Lobinho: boa educação.* Mário Gamboli. Trad. Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2001. 32p. • *Os conselhos de lobinho: ecologia.* Mário Gamboli. Trad. Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2001. 32p. • *Os conselhos de Lobinho: ninguém é perfeito.* Mário Gamboli. Trad. Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2001. 32p. • *Os conselhos de Lobinho: perigo!* Mário Gamboli. Trad. Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2001. 32p.

RHJ: *Meu amigo azul.* Flávio Berutti. Il. Mario Vale. Belo Horizon-

te: RHJ, 2001. 72p. • *Moïko: o menino que meditava.* Ricardo Melo. Belo Horizonte: RHJ, 2001. 56p. • *O incrível rapto de Rosabela.* Carlos Augusto Segato. Il. Carti. Belo Horizonte: RHJ, 2001. 80p. • *O passageiro do arco-íris.* Maxs Portes. Il. Carti. Belo Horizonte: RHJ, 2001. 74p. • *Todos acordamos um dia.* Edméia Faria. Il. Carti. Belo Horizonte: RHJ, 2001. 64p.

SALAMANDRA: Coleção Adivinhe (*Adivinhe quem?; Adivinhe o que é?; Adivinhe qual, Adivinhe onde?*). Il. Chris Gilvan. Trad. Rosa Amanda Strausz. São Paulo: Salamandra, 2001. n.p. • *Dentes Grandes.* Jane Cabrera. São Paulo: Salamandra, 2001. n.p. • *Nariz que mexe.* Jane Cabrera. São Paulo: Salamandra, 2001. n.p. • *Olhos brilhantes.* Jane Cabrera. São Paulo: Salamandra, 2001. n.p. • *Orelhas compridas.* Jane Cabrera. São Paulo: Salamandra, 2001. n.p.

MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Barsa Planeta Internacional Ltda., BCD União de Editoras, Berlendis & Vertecchia, Brinque-Book, Callis, CBL, Cia. das Letrinhas, Compór, Cosac & Naify, DCL, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Editorial Mercuryo Jovem, Exped, Forense, Formato, FTD, Global, Jorge Zahar Editores, José Olympio, Lê, Letras e Letras, L&PM Editores, Makron Books, Martins Fontes, Mazza, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nova Fronteira, Objetiva, Paulinas, Paulus, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, RHJ, Rocco, Salamandra, Santa Clara, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, Thex Editora, Stúdio Nobel, Villa Rica.

EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers
 Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Magda Frediani • Revisão: Cláudia Gonçalves Pinto e Magda Frediani • Diagramação: Marcelo Ribeiro e Julie Pires
 GESTÃO 1998-2001 • Conselho Curador: Altair Ferreira Brasil, Ana Ligia Medeiros, José Bantim Duarte, Lilia Maria Alves, Maria Antonieta Antunes Cunha, Rafael de Almeida Magalhães Conselho Diretor: Laura Sandroni, Marcos Pereira, Regina Bilac Pinto (presidente)
 Conselho Fiscal: Celina Rondon, Henrique Luz, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Marcio Tavares d'Amaral, Regina Lemos, Terezinha Saraiva. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Claudio Mendonça, Ezequiel Theodoro da Silva, Edmir Perrotti, Ferdinando Bastos de Souza, Geraldo J. Pereira, Helena Rodarte, José Raymundo Martins Romeo, Lúcia Jurema Figuerôa, Maria Alice Barroso, Maura Ribeiro Sardinha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Yolanda, Victor Mussumeci, Wladimir Murtinho.
 Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e
 receba mensalmente Notícias.
 Tel.: (0XX)-21-2262-9130
 e-mail: fnlij@ax.apc.org
 home page: www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil tel.: (0XX)-21-2262 9130 fax: (0XX)-21-2240 6649 e-mail: fnlij@ax.apc.org

Elos entre a cultura popular e a literatura

Ricardo Azevedo



FNLIJ

Notícias

Costuma-se dizer que a cultura popular¹ é uma espécie de “ciência do povo”. Ora, a ciência, em princípio, sempre foi uma tentativa, feita a partir da organização de um certo conhecimento, de compreender e dominar as forças da natureza com intuito de melhorar as condições de vida do homem. Em geral, quando empregamos o termo “ciência”, queremos nos referir a um universo composto pela palavra escrita, pesquisas, estatísticas e teorias, por modelos e sistemas objetivos, pelo ensino organizado, em suma, pelo pensamento racional e analítico.

Acontece que a cultura popular, ou o folclore, é, como queria Varagnac, “um conjunto de crenças coletivas sem doutrinas e de práticas coletivas sem teoria”.

Essa “ciência” popular busca também interpretar e domar as forças da natureza, mas o faz a partir, principalmente, da visão analógica e intuitiva, da aproximação afetiva, corporal e subjetiva da realidade.

Para exemplificar uma certa “metodologia primitiva”, Lévi-Strauss, em *O pensamento selvagem*, menciona um procedimento chamado *bricolage*.

Ao contrário do engenheiro que trabalha com um projeto, esquemas, simetrias e módulos, o *bricoleur* atinge seu objetivo operando sem um plano previamente definido e a partir de materiais improvisados, escolhidos intuitivamente. As favelas são ótimos exemplos desse método.

Também o pensamento que gera as manifestações populares funcionaria como uma espécie de *bricolage* intelectual: constrói-se através de crenças, da memória, do improviso, das associações inusitadas e arbitrárias, recorre ao “olhômetro”, ao pensamento analógico, usa e abusa da intuição e da aproximação afetiva e simpática.

Isso, note-se, não significa falar em irracionalismo. Tal procedimento é também lógico, observa, classifica e sistematiza, só que através de pressupostos estranhos ao pensamento considerado científico. Paracelso, médico e cientista medieval – época, como sabemos, profundamente enraizada nas tradições arcaicas – acreditava que a natureza havia feito a “erva hepática” e a “erva renal” com a mesma forma das partes do corpo que podiam curar. Perguntava ele: “As folhas do cardo não picam como agulhas? Graças a esse sinal, a arte da magia descobriu que não há melhor erva contra as pontadas da dor”².

1 Não há espaço nesse artigo para adotar uma posição ou discutir melhor noções complexas e pouco nítidas como “cultura popular”, “folclore”, “cultura” e “popular”.

2 OLSON, David. R. *O mundo no papel*, São Paulo, Ática, 1997, p.178.

Suplemento
Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo n° 14

Uma coisa é certa: nem o cidadão mais cético e "civilizado" ousaria tomar um veneno indígena cuja toxicidade certa foi obtida por outros caminhos mas, sem dúvida, através de raciocínio, observação, comparação, lógica, sistematização e muita experimentação.

O assunto é imenso. Mesmo assim, vale a pena levantar certos pontos comuns, vestígios das mais antigas tradições, que costumam impregnar muitas das manifestações culturais inventadas pelo povo: 1) a crença na existência de forças divinas e transumanas. Por este ponto de vista, a vida, o homem e a natureza teriam surgido por intermédio de seres superiores que continuariam atuando e interferindo no mundo. Isso abre a possibilidade de se explicar e justificar certos fatos através da atuação de forças transcendentais e metafísicas; 2) o princípio de que homens, animais, vegetais, minerais, o universo enfim, fariam parte de um único todo, o Cosmo. Conseqüentemente, haveria uma prevalência dos valores coletivos em relação aos valores individuais; afinal, por este viés, o homem seria apenas parte de uma imensa engrenagem. Daí, também, idéias como as que imaginam que o homem possa falar com os animais e as imagens de animismo e personificação. Afinal, tudo no mundo faria parte da mesma família; 3) a visão da vida e do mundo baseada em crenças como a da existência de um constante e inevitável movimento cíclico, o eterno retorno, concepção inspirada nos ciclos da natureza e que se concretiza na idéia de regeneração periódica do mundo. A fertilidade, a fecundação, a sementeira, a floração, a maturação, a degeneração, a morte e a regeneração (ou renascimento), seriam vetores naturais em permanente diálogo, condição mesmo da existência humana; 4) falar em tradições populares significa, ainda, remeter a algo transmitido oralmente, ou seja, significa, em princípio, falar em culturas sem escrita. Não é possível encontrar nos substratos populares algo como um "original", modelos iniciais únicos a partir dos quais teriam

surgido histórias e crenças. Contos, crenças e costumes vão sofrendo alterações e atualizações através da boca e da memória de seus transmissores, recebendo influências contextuais e até mesmo pessoais, afinal, todo contador deixa sua marca individual na história que conta.

Tais aspectos constituem um certo "espírito popular", estudado por Mikhail Bakhtin³, entre outros, e resultam em noções como: a) a utopia (se tudo se renova, nada é definitivo e tudo renasce, há portanto sempre uma esperança de mudança e regeneração); b) a noção da inseparabilidade essencial de vida e morte; bem (tudo o que favorece a felicidade e a vida) e mal (tudo o que traz a infelicidade e a morte); sagrado e profano; c) idéias como a da metamorfose (como nada é fixo e tudo faz parte de tudo, uma coisa pode perfeitamente transformar-se em outra); d) a crença na existência de cidades e lugares utópicos, o paraíso e a fonte da juventude; e) o final feliz (tudo, cedo ou tarde, vai retornar às origens, à pureza original, ao paraíso.)

Aos elementos citados acima, acrescentaríamos certas características típicas do discurso oral. Referimo-nos à forma como ele é utilizado nas culturas sem escrita: os chamados índices de oralidade. Vamos aos principais, elencados aqui por nós⁴ a partir das idéias, principalmente, de Paul Zumthor: 1) a tendência a sempre procurar adaptar-se à platéia através do vocabulário familiar e cotidiano, das fórmulas verbais, dos lugares comuns e clichês; 2) a sedução da platéia através de recursos teatrais, como o tom exagerado, o uso de redundâncias, o tom de confiança, ditados, trocadilhos, aliterações, rimas e refrões; 3) a concisão, evitando-se os períodos longos, os conceitos e imagens abstratas, orações subordinadas e a voz passiva.

3 Cf. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Hucitec, 1993.

4 AZEVEDO, Ricardo. *Como o ar não tem cor, se o céu é azul?* Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, 1997. Disponível para consulta na biblioteca da faculdade.

Ao que tudo indica, tais elementos, tanto os de conteúdo, citados no começo do artigo, como estes últimos, os formais – elementos, note-se, reunidos aqui de forma bastante sintética e resumida – podem ser encontrados em narrativas míticas, assim como em contos maravilhosos e também, a nosso ver, em trabalhos já com autor definido, mas tidos como “populares” ou que se pretendem “populares”. Estamos pensando aqui em obras da literatura de cordel; em obras da Literatura, principalmente quando esta não se pretende erudita ou culta; e ainda na chamada literatura infantil, sobre a qual vamos nos ater um pouco mais.

Temos defendido a idéia de que a literatura para crianças é muito mais uma literatura “popular” do que propriamente “infantil”⁵.

Primeiramente, é preciso dizer que, ao contrário de hoje, tempo em que as crianças, pelo menos as das classes abastadas, são separadas por faixas etárias, catalogadas como integrantes de um improvável, redutivo e ideológico “universo infantil” e, em suma, apartadas da vida mesmo (como se tal fato fosse coisa natural e indiscutível⁶), nas tradições populares, crianças e adultos sempre compartilharam o mesmo universo. Sabidamente, as classes populares medievais dividiam com suas crianças os *fabliaux* (narrativas breves, alegres, anônimas, em geral abordando pequenos casos da vida cotidiana – adultérios, espertezas etc.) e os contos maravilhosos (de fadas ou de encantamento, num tempo em que se acreditava em fadas e encantamentos.). Neste período, segundo Denise Escarpit⁷, falar em “popular” era equivalente a dizer “bom para as crianças”.

Adultos e crianças, tanto no período medieval, como hoje, nas zonas rurais, favelas e em outros bolsões populares, sempre estiveram próximos, compartilhando dúvidas e perplexidades, dividindo crenças e mitos, enfrentando juntos, em importante parceria, as inúmeras dificuldades da luta pela sobrevivência.

O que acontece, em todo o caso, quando uma criança entra em contato com um conto popular? Qual a diferença entre um conto de fadas, plurissignificativo, repleto de ambigüidades (príncipes que são monstros, por exemplo) e outros temas complexos, como veremos a seguir, e um texto paradidático de ficção, com mensagem monológica, unívoca e higiênica, do tipo ensinar o leitor a não ter vergonha de usar óculos?⁸

Acreditamos, e é isso que queremos deixar claro aqui, que a raiz da chamada literatura infantil esteja exatamente no riquíssimo conjunto de tradições e manifestações populares e não em utilitários livros didáticos, paradidáticos ou outra coisa.

Levando-se em conta tal premissa, vale a pena tentar levantar alguns pontos que, em nossa visão, parecem aproximar as narrativas populares da literatura para crianças.

No plano da expressão (da forma, do discurso), as formas populares, como vimos, tendem a recorrer ao discurso conciso, ao vocabulário familiar e à teatralidade para atingir sua platéia.

Encontraremos situação análoga na maioria absoluta das obras destinadas ao público infantil: textos concisos, marcados pela oralidade, utilizando vocabulário familiar, construídos sempre com a intenção de prender a atenção e entrar em contato com o leitor.

Da mesma forma, no plano do conteúdo (dos motivos e temas; da história), muitos pontos de contato unem os contos populares à literatura infantil. Enumeraremos apenas alguns deles: 1)

5 Cf. nossa dissertação já citada.

6 Tenho discutido o assunto em artigos como “Literatura infantil: origens, visões da infância e traços populares”. op. cit. também publicado no *Jornal do Alfabetizador*, Porto Alegre, Editora Kuarup, v. XI, n° 62 e “A literatura, o chamado ‘universo infantil’ e a vida mesmo” disponível no site www.proler.fbn.br da Biblioteca Nacional.

7 Escarpit, Denise. *La literatura infantil y juvenil en Europa*. México, Fondo de Cultura Económica, 1981.

8 Sobre o assunto cf. nosso artigo “Livros para crianças e literatura infantil: convergências e dissonâncias” Suplemento n° 7, Notícias n° 1, v. 21, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Jan. 1999.

a recorrência do elemento cômico. O riso, a alegria e o escárnio como revide aos paradoxos contrapostos pela existência; 2) o uso singularmente livre da fantasia e da ficção, muitas vezes como forma de verificação ou experimentação da verdade. Estes dois primeiros itens, para Mikhail Bakhtin, entre outros estudiosos, são traços das mais arcaicas tradições populares. Ora, o humor e a fantasia são presenças constantes, quase índices, dos textos para crianças; 3) personagens movidos muito mais por seus próprios interesses, pelo livre-arbítrio, pela aproximação afetiva (a moral ingênua referida por André Jolles⁹) do que por uma ética de princípios, preestabelecida, abstrata, desinteressada, imparcial e impessoal, que pretende determinar, *a priori*, o certo e o errado. Na literatura infantil, tal moral ingênua aparece regendo personagens que vão de Emília, de Monteiro Lobato e Raquel de *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga ao *Menino maluquinho* de Ziraldo, parentes, sem dúvida, dos também transgressores Juca e Chico, Pinóquio, Alice e Peter Pan; 4) certos temas e enredos tradicionais remanescentes, ao que tudo indica, de imemoriais narrativas míticas, tais como "a busca do autoconhecimento ou da identidade"¹⁰ são recorrentes em numerosos contos de fadas. Na literatura infantil, surgem em obras que vão de *Pinóquio* (de C. Collodi) e *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* (de Lewis Carroll) *A bolsa amarela* e *Tampinha*, de Angela Lago; a "luta do velho contra o novo": basta lembrar a luta da madrasta contra a heroína ou da bruxa contra os heróis em contos como *A Branca de Neve* e *João e Maria* ou de obras como *Peter Pan* (que se recusa a ser adulto) e, por que não, *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* (luta contra a lógica e o conservadorismo do conhecimento oficial), *A bolsa amarela* (crítica ao mundo adulto, entre tantas outras); 5) o uso livre de personificações, antropomorfizações e metamorfoses; 6) histórias apresentando um caráter iniciático, nas quais o herói parte, enfrenta desafios (é engolido por um peixe, perde a memória, vê-se transformado num monstro etc.) e retorna modificado e amadurecido; 7) o final feliz. Este recurso, considerado por muitos um índice de alienação é, na verdade, utópico por natureza e parece, como vimos, estar enraizado em certas concepções arcaicas como as que preconizam a renovação periódica do mundo. "Se não deu certo", diz o ditado popular, "é porque ainda não chegou ao fim!".

Chegando ao fim deste artigo, gostaríamos de dizer que enxergar as manifestações populares como um acervo de recursos temáticos e formais, pode tornar o estudo da cultura popular não uma pesquisa sobre fórmulas tradicionais mortas e ultrapassadas mas, sim, uma importante e viva referência para o estudo da literatura, particularmente a chamada "infantil". ■

9 Cf. Jolles, Andre. *Formas simples*. São Paulo, Cultrix, 1976.

10 Não se trata aqui de discutir categorias filosóficas abstratas. Embora inconscientemente, muitos heróis, mesmo os míticos ou arcaicos, estão em busca de algo que poderia ser chamado de autoconhecimento.

Parte deste texto foi baseada em nossos artigos "Maneiras diferentes de tornar interpretável aquilo que se vive", publicado no catálogo "Mitos que vêm da mata", SESC-SP, agosto de 1998, e "Literatura infantil: origens, visões da infância e traços populares" publicado, entre outras revistas, em *Presença Pedagógica* - Belo Horizonte - Editora Dimensão - n.º 27, maio/jun. 1999.

Ricardo Azevedo, doutorando em Letras pela Universidade de São Paulo, é escritor e desenhista, autor de *Armazém do Folclore (Ática)* e *História de bobos, bocós, burraldos e paspalhões (Projeto)*, entre outros livros.

Reflexões sobre leitura e liq. Fascículo nº 14
Parte Integrante do *Notícias 9/2001*
Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

Responsável:
Elizabeth D'Angelo Serra
Fotolito e Impressão:
PricewaterhouseCoopers